

## SALA DE AULA: LUGAR DE CONSTRUÇÃO DE SABERES E DE IDENTIDADES

LEHMANN, BIANCA ALVES<sup>1</sup>; FREITAS, LETÍCIA FONSECA RICHTHOFEN DE <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [biancalehmann@gmail.com](mailto:biancalehmann@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [leticia.freitas@ufpel.edu.br](mailto:leticia.freitas@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Em ambientes de formação (seja fundamental, secundária ou superior), a sala de aula é um espaço privilegiado, pois possibilita, além do processo de ensino/aprendizagem, diálogo e trocas entre pessoas de diversas culturas, de diversas e diferentes esferas sociais e econômicas. Desse modo, entende-se o espaço de formação e de práticas educativas “como um lugar privilegiado onde se produzem, se interpretam e se mediam histórias” (LARROSA, 1996, p.461) – que são contadas e recontadas por indivíduos que se constituem identitariamente e constituem o mundo em que vivem.

As representações e as questões identitárias podem ser analisadas a partir de discursos uma vez que, sob a ótica dos Estudos Culturais (EC), a linguagem é capaz de constituir identidades. Além disso, de acordo com a Linguística Aplicada Transdisciplinar (doravante LAT), dentre outros diversos campos do conhecimento, é possível estabelecer rupturas nas bases teóricas para entender que a linguagem é capaz de construir significados. Desse modo, partindo da concepção de que a linguagem é um elemento constituidor de significados e de identidades, este trabalho apresenta uma síntese da pesquisa em andamento no Mestrado em Letras da UFPel cujo tema é análise de discursos de acadêmicos do primeiro semestre do curso de Bacharelado em Letras – habilitação Redação e Revisão de Textos e habilitação Tradução (Inglês/Português e Espanhol/Português) com o objetivo de apresentar as identidades construídas a partir dos discursos proferidos em sala de aula.

Basicamente, a LAT considera a linguagem e as questões sociopolíticas na constituição da vida social e, além disso, vai ao encontro das questões identitárias, uma vez que considera o sujeito como sendo construído pelos sentidos produzidos a partir dos usos e implicações sociais, políticas e econômicas. Isso significa dizer que os significados não são dados no mundo, isto é, não existe antes do uso da linguagem; os significados, inclusive sobre quem somos, são produzidos nas práticas discursivas em que os sujeitos atuam. Nas práticas discursivas, os significados sobre quem somos são gerados, são construídos e reconstruídos.

As práticas sociais estão em contato com a teorização e, por esse motivo, relatos de histórias, narrativas contadas e discursos produzidos são objeto de estudo da LAT. As narrativas, por sua vez, como enfatiza Silva (1995a, p.204-205), “(...) constituem uma das práticas discursivas mais importantes (...). O poder de narrar está estreitamente ligado à produção de nossas identidades sociais (...). Dessa forma, as narrativas não apenas nos ajudam a dar sentido ao mundo, a torná-lo inteligível, elas contribuem para constituí-lo e a nós”. De acordo com o exposto, a LAT entende a linguagem da mesma forma como o defendido pelos EC, conforme a virada linguística e, dessa maneira, é possível articular essa teoria à ótica dos EC.

A partir dos EC é vista uma concepção particular de cultura: como um fenômeno heterogêneo, ativo e intervencionista. Em virtude desses deslocamentos gerados na concepção de cultura, ocorreu a chamada virada cultural. Atreladas aos EC e à virada cultural estão as noções de discurso e de texto, tendo em vista que a

linguagem tem um papel importante nessa visão pelo caráter constitutivo, ativo e produtivo em relação ao mundo e às identidades.

Hall (1997) explana sobre o conceito de linguagem de acordo com o preconizado pela virada cultural/virada linguística: percebe-se que a linguagem tem um caráter privilegiado em que estão presentes a construção de significado e a constituição dos fatos; caráter esse que não apenas relata os significados e/ou fatos. Por conseguinte, a linguagem tem sua compreensão ampliada, já que a maneira como vivemos e a razão daquilo que somos – nossas identidades – são compreendidas como práticas discursivas (HALL, 1997). As práticas de representação são criadas linguisticamente, por meio de atos linguísticos, em que os sistemas de representação (a linguagem) criam e constituem os significados e, além disso, atingem os sujeitos e constituem narrativas que se impõem como verdadeiras – o real só existe em função daquilo que se fala sobre ele.

A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. Deve-se considerar, desse modo, que a partir dos discursos proferidos estão sendo constituídas as identidades de cada sujeito. Silva (1995b, p.190) ressalta que “é importante colocar no próprio centro do currículo uma visão que destaque o papel da linguagem e do discurso na produção de subjetividades particulares e identifique suas conexões com desejos e vontades de poder – de indivíduos e grupos particulares”. Diante do exposto, reforço o entendimento da sala de aula como espaço de formação educativa que possui um caráter privilegiado, já que a linguagem constitui identidades e produz significados para os sujeitos.

## 2. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa dos EC não parte de algo pressuposto para, então, procurar/investigar uma validação, uma hipótese a ser confirmada. Do ponto de vista do método, não é o instrumento em si que determinará a pesquisa, pois não há generalizações. É possível averiguar, entretanto, as recorrências discursivas, as práticas discursivas e não discursivas que circulam na sociedade e que contribuem para a construção das identidades sociais. Além disso, este estudo tem um caráter qualitativo, uma vez que as pesquisas realizadas no campo dos EC e da LAT não possuem uma metodologia pré-definida e, ademais, têm como foco os materiais culturais.

Os dados da pesquisa são dois discursos que foram proferidos durante as *Aulas de Oratória*, atividade avaliativa da disciplina de Leitura e Produção Textual I, ofertada para os primeiros semestres dos cursos de Bacharelado em Letras da UFPel, em que cumpri o estágio de docência do Mestrado. As *Aulas de Oratória* objetivava que os alunos apresentassem um tema livre, de escolha pessoal, sem aporte de mídias em um período de cinco a dez minutos. Após cada apresentação, havia um período dedicado à discussão de todo grupo sobre o tema apresentado.

Ressalto que a experiência e a narrativa de vida de cada sujeito são extremamente importantes nessa análise, uma vez que “as informações e descrições (...) ajudam a compreender o funcionamento e as dinâmicas internas” do objeto social (BERTAUX, 2010, p.60). Por esse viés, conforme Marconi & Lakatos (2011, p. 19), os procedimentos utilizados para a coleta de dados desta pesquisa enquadram-se em coleta documental, entrevista e história de vida e, ainda conforme sinalizam os autores, esta pesquisa se enquadra na classificação descritiva, uma vez que se baseia na utilização de registros e na análise e interpretação de dados atuais.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das oratórias, é possível verificar as identidades ou as posições de sujeito que foram ocupadas pelos colaboradores desta pesquisa. Neste trabalho, em virtude da limitação de páginas, apresento apenas um trecho do discurso de *Joey* – em relação ao tema “manifestos e protestos pelo Brasil”. *Joey* se posiciona como um sujeito engajado politicamente, uma vez que em todo o seu discurso realça a importância de participação em reuniões cujo objetivo é articular e promover as manifestações. Além disso, *Joey* explicita a importância da participação da população em geral nas reuniões que definem as pautas dos protestos. A cada comentário feito por *Joey* é marcada a sua identidade – que, por sua vez, é criada linguisticamente – conforme argumenta Silva (2000a, p.77): “é apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais”.

No debate gerado pelos alunos, *Joey* salienta que é a favor dos chamados *coxinhas* do movimento. Segue o excerto de sua fala:

*JOEY*: E eu sou totalmente a favor do que eles estão chamando de coxinição, tipo de *coxinha* do movimento. Eu sou totalmente a favor disso. Eu só acho que tinha que criar outro movimento, ele não pode entrar no Passe Livre e reivindicar (?), corrupção, que não tem nada a ver. O Passe Livre tem a ver com transporte, então talvez seja isso que você tá tentando dizer.

Tanto em sua oratória quanto nos comentários feitos nas oratórias dos colegas, *Joey* defende certas posições e, dessa maneira, se constitui identitariamente ocupando a posição de um sujeito que assume determinada visão política, que deseja ver uma mudança no contexto político e social do país. Além disso, *Joey* entende que os *coxinhas* têm muito a agregar às manifestações, visto que considera relevante “as pessoas lutarem do que é delas o direito” – considera importante que todas as pessoas tenham o direito de se expressar de alguma maneira e de trazer à tona as suas reivindicações. Entretanto, *Joey* acredita que os *coxinhas* deveriam criar outro movimento para fazer tais protestos, e não apenas se integrarem aos já denominados e de causas específicas. Quer dizer: *Joey* entende que, a partir do momento em que as pessoas vão às ruas e participam de reuniões, estão exercendo o direito de cidadão de lutar por uma causa justa.

A posição de *Joey* frente à *coxinição* do movimento marca a sua posição de um sujeito político e engajado, uma vez que não concorda com a *invasão* dos *coxinhas* nos protestos específicos, mas defende o direito de participação e de protesto. Como visto anteriormente, a linguagem possui um caráter constitutivo, ativo e produtivo em relação ao mundo e às identidades; “(...) a identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas” (SILVA, 2000a, p.97). Desse modo, o discurso de *Joey* constitui a identidade de um sujeito que ocupa a posição de engajado politicamente, que se posiciona frente às questões políticas e sociais.

Em três episódios diferentes (a própria apresentação e duas apresentações de colegas), *Joey* ocupa determinadas posições de sujeito e marca as suas identidades, sempre reforçando seu ponto de vista e o seu discurso. De acordo com Silva (2000a, p. 94),

a eficácia produtiva dos enunciados performativos ligados à identidade depende de sua incessante repetição. Em termos da produção da identidade, a ocorrência de uma única sentença desse tipo não teria nenhum efeito importante. É de sua repetição e, sobretudo, da possibilidade

de sua repetição, que vem a força que um ato linguístico desse tipo tem no processo de produção de identidade (Grifo do autor).

Desse modo, a repetição de certos valores e de certas *verdades* enfatiza o posicionamento identitário assumido por *Joey* em um mesmo contexto de comunicação, embora com temas variados.

#### 4. CONCLUSÕES

Foi possível iniciar o trabalho de mapear os posicionamentos identitários assumidos pelos discentes graças aos discursos realizados nas *Aulas de Oratória* e, sobremaneira, aos comentários após cada apresentação. Importante para a análise foi o recorte das falas dos acadêmicos presentes nas oratórias dos colegas: mais do que se constituir identitariamente no momento dedicado à apresentação individual, a construção e a ocupação das posições de sujeitos deu-se durante os comentários realizados nas *Aulas de Oratória* dos colegas. Esse fato corrobora a questão de entender a sala de aula como um espaço em que ocorrem, além da formação acadêmica e do aprendizado, a construção e a reconstrução das identidades. Do mesmo modo, nesse espaço social é possível contar e recontar as histórias e as narrativas que constituem os sujeitos.

Por ora, pode-se concluir que os discursos dos acadêmicos durante as *Aulas de Oratória* evidenciam as posições de sujeito ocupadas pelos colaboradores, bem como as marcas identitárias construídas, conforme as teorias dos EC e da LAT.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida:** a pesquisa e seus métodos. São Paulo/Natal: Editora da UFRN, 2010. pp.47-117.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções do nosso tempo. Educação & Realidade. v.22, n.2, jul./dez. 1997. Porto Alegre/RS: UFRGS/FACED. pp.15-46.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. In: \_\_\_\_\_. **La experiencia de la lectura.** Barcelona: Laertes, 1996.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011. pp.1-26.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. pp.73-102.

\_\_\_\_\_. Currículo e Identidade Social: territórios contestados. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995a, pp.190-207.

\_\_\_\_\_. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Territórios contestados:** o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995b. pp.184-202.